



A DINÂMICA DAS LUTAS SOCIAIS NA EXPERIÊNCIA FRANCESA RECENTE

Juliana Carvalho Miranda Teixeira¹

Resumo: Trata-se de resgatar alguns elementos de abordagens marxistas, potenciais subsidiários, na análise das lutas sociais que se sucedem na “era da globalização”, no contexto específico da realidade francesa. Considera-se a conjuntura de enraizamento das políticas neoliberais, que traduz uma era de instabilidade crescente no contexto das relações sociais, que desestabilizou o Estado Social francês. Contudo, deve ser tomado ainda o fato de que o neoliberalismo encontrou na França uma forte resistência, das quais as lutas sociais são a expressão concreta desse fenômeno. Destaque para as greves interprofissionais ocorridas nos meses de janeiro e março do corrente ano.

Palavras-chave: França, lutas sociais, neoliberalismo.

Abstract: This is to recover some elements of marxist approaches, potential alternative in the analysis of social struggles that come in the "moment of globalization" in the specific context of French reality. It is the conjuncture of roots of neoliberal policies, which reflects an era of increasing instability in the context of social relations, which destabilized the French welfare state. However, it should be taken even the fact that neoliberalism has encountered strong resistance in France, and the social struggles are the concrete expression of this phenomenon. Attention to the strikes that occurred within the months of january and march this year.

Key words: France, social struggles, neoliberalism.

¹ Graduanda. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: juliana_ss@click21.com.br



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é oriundo das investigações teóricas acerca das lutas sociais no contexto da sociedade francesa. A partir do contato com esta realidade nos primeiros meses do presente ano, bem como por meio de leituras, pôde-se extrair dados fundamentais para o entendimento da dinâmica dessas lutas sociais em uma conjuntura marcada por mais uma crise, financeira e econômica, do sistema capitalista. Pelos anos da história, essas repetidas crises na estrutura deste sistema, sempre rebateram, da forma mais perversa, sobre as classes já oprimidas.

A sociedade francesa manteve uma marcante tradição de lutas no processo de evolução da humanidade ao longo de seu passado e presente, pode-se falar de uma “tradição revolucionária francesa” (KOUVÉLAKIS, 2007, p. 17) que vem desde 1789. Com o advento do neoliberalismo a situação não deixou de ser diferente. Apesar do falacioso discurso da ala pós-moderna que apregoa o fim da luta de classes² (inclusive) na França – haja vista as derrotas e os conseqüentes recuos sofridos pelas classes dominadas no final dos anos 1970, bem como da contra-reforma liberal do Estado de compromisso fordista que redundou, dentre outras, na (re)composição da força de trabalho – as lutas populares persistiram, e as novas condições de acumulação assim como as profundas transformações das relações capitalistas contemporâneas tendem a redefinir os espaços de conflitualidade e da mesma maneira, os focos das microrresistências de aposta na centralidade da categoria trabalho. “As receitas pertencem à arte culinária” (LABICA, 2002, p.167). Neste sentido, e a partir da segunda metade dos anos 1980, é que se pode discorrer sobre um *novo* ciclo de lutas de uma França em revolta (KOUVÉLAKIS, 2007).

Com a crise econômica atual, um país como a França que está no centro do sistema, vê-se duramente afetado. O aumentou vertiginosamente do número de desempregados entre os meses de fevereiro e março deste ano. As empresas privadas estão mergulhadas na crise e a saída para esse caos não tem sido outra senão o licenciamento de inúmeros trabalhadores e a conseqüente recomposição do exército de reserva.

² O ‘falacioso’ discurso pós-moderno do fim da luta de classes assim o é pelo fato de que “as classes sociais significam para o marxismo, num único e mesmo movimento, contradições e lutas de classes: as classes sociais não existem antes, como tais, para depois entrar na lógica da luta de classe [...]” (POULANTZAS apud VAKALOULIS, 2004, p. 209).



Mas o escândalo e o absurdo ficam por conta dos bilhões que foram encontrados pelo Estado francês para salvar os bancos, as seguradoras e outros organismos de natureza financeira. A privatização e a supressão de empregos públicos agravam o cenário, mas prevalece a máxima de restrição dos gastos públicos com o social.

Em meio a essa falha na dinâmica do processo de “mundialização do capital” (CHESNAIS, 2008, p. 17), as classes ora dominadas, exploradas e oprimidas se rebelam contra os licenciamentos, a *vie chère*, o desemprego e a *précarité*³ do trabalho, e ainda, pela defesa e pela ampliação dos serviços públicos com greves interprofissionais e manifestações ocorridas nos meses de janeiro e março deste ano.

Partiremos do entendimento dos elementos que configuram as lutas sociais na França nos últimos dez anos, com destaque para a forma de organização desses movimentos na tentativa de extrapolar o *obreirismo* tão presente nos processos de luta de uma era comprometida com o pleno emprego⁴.

2 A DINÂMICA DAS LUTAS SOCIAIS NA EXPERIÊNCIA CONTESTATÓRIA FRANCESA RECENTE

Na conjuntura histórica “para além do fordismo, na era da mundialização” (FARIAS, 2008, p.111), há quem traduza esse tipo de luta social como fazendo parte de um conjunto de movimentos dessincronizados e heterogêneos quanto aos recursos mobilizados, sejam humanos, sejam materiais. Aponta-se ainda a fragmentação do espaço de contestação que de fato apresenta-se como uma marca das lutas sociais hodiernas. Outros fatores como o grau de coesão e o estado de motivação dos sujeitos envolvidos no processo também denotam as discrepâncias no que se refere ao cenário dessas lutas (VAKALOULIS et al., 2003).

Antes e mais do que isso, as fragmentadas lutas sociais parecem emergir com esta configuração por não mais existir uma causa única de luta. De fato, o campo das reivindicações ampliou-se e as contradições revelam-se gritantes. As lutas sociais, em meio

³ Sobre esta categoria ver BARBIER, Jean Claude. La précarité: une catégorie française à l'épreuve de la comparaison internationale. **Revue Française de Sociologie**, vol. 46, 2005/2, p. 351-371. (BÉROUD; BOUFFARTIGUE, 2009, p. 2).

⁴ Uma crítica das análises keynesianas de explicação do desemprego está presente no livro LIÊM, Hoang-Ngoc. **Salaires et emploi: une critique de la pensée unique**. Paris: Syros, 1996. Collection Alternatives Économiques.



ao intenso processo de acumulação capitalista, têm se concentrado em torno dos inúmeros ataques à dignidade humana sofridas pelas classes oprimidas.

Pode-se afirmar ainda que a crescente flexibilização (precarização) e a conseqüente fragmentação do conjunto dos trabalhadores corrobora a heterogeneidade no campo dessas lutas. Segundo Vakaloulis et al. (2003, p. 106) esta fragmentação dos conflitos sociais pressupõem na prática imediata a reprodução ampliada das contradições capitalistas para além da esfera do trabalho.

Portanto, é neste sentido, e levando em consideração a realidade analisada, que coloca-se a discussão acerca da incapacidade das clássicas instituições dos trabalhadores (diga-se, da fração “estável” destes) – os sindicatos – em incorporar as novas problemáticas, expressões da contradição capital *versus* trabalho, que de alguma maneira tem propiciado o surgimento de ações individuais, sem que haja a recorrência à qualquer tipo de hierarquia institucional política capaz de garantir um enquadramento global coerente aos diversos segmentos da luta. Daí resulta a crítica ao “problema de coordenação”, sem o entendimento de que muito dessas ações de lutas são conduzidas no sentido de favorecer a ampla participação da sociedade.

Da constatação de que nenhum dispositivo de organização e de condução dessas lutas pode vir do “alto” (nos termos de uma relação vertical), já que isto atingiria a autonomia desses processos, e de que nem sempre é possível identificar claramente o que, Vakaloulis et al. (2003, p. 107) qualifica como “saídas políticas”, é que se dirigem críticas às lutas sociais empreendidas desde 1995⁵, como sendo “imaturas”, desprovidas pois, de qualquer aspiração política (*idem*).

Esta questão, que remete à idéia de auto-organização, merece destaque uma vez que constitui o grande ponto de partida para a devida compreensão das lutas sociais na França contemporânea.

Autores franceses como Vakaloulis et al. (2003) dão importantes referências quanto a esses elementos que compõem a dinâmica dessas lutas sociais, mas é Kouvélakis (2007) que aponta para a complexidade do objeto da nossa conversação.

De maneira geral, as lutas sociais não têm atraído tanto a atenção da mídia, a não ser de forma efêmera e superficial, quando de alguma maneira e em certos momentos, elas conseguem arrancar o sucesso, mesmo que parcial, mas (evidente) o suficiente para

⁵ Movimento de greves e manifestações contra o plano Juppé de reforma da Seguridade Social, reforma dos regimes especiais e o contrato de plano SNCF (companhia pública de transporte ferroviário). (KOUVÉLAKIS, 2007, p. 9).



desestabilizar o curso *tranquilo*, quase que natural, da investida neoliberal (KOUVÉLAKIS, 2007, p. 94). Esta notoriedade das lutas sociais emerge como consequência direta de um novo elemento incorporado à forma de mobilização na França: a forma coordenação.

Partindo de outra tradição (bem) francesa – ação direta – a forma coordenação permite a afirmação da autonomia individual (esta última já citada anteriormente) fundada na participação direta de cada um nas decisões da coletividade, combinada a uma forte identidade de grupo.

Essa nova forma de organização das lutas a partir das “coordenações”, enquanto princípio de uma tentativa de “auto-organização” caracteriza uma fase ofensiva das mobilizações sociais (ibidem, p. 96), mas também é carregada de limites e obstáculos quando se pensa na perspectiva da unificação das lutas. Porém é precipitado afirmar algo sobre a incapacidade dessa forma de organização, uma vez que a história do movimento operário mostra que nem sempre a unificação da luta é garantia de avanço, prevalecendo então um desafio, o da resolução da *luta interna da luta de classes*.

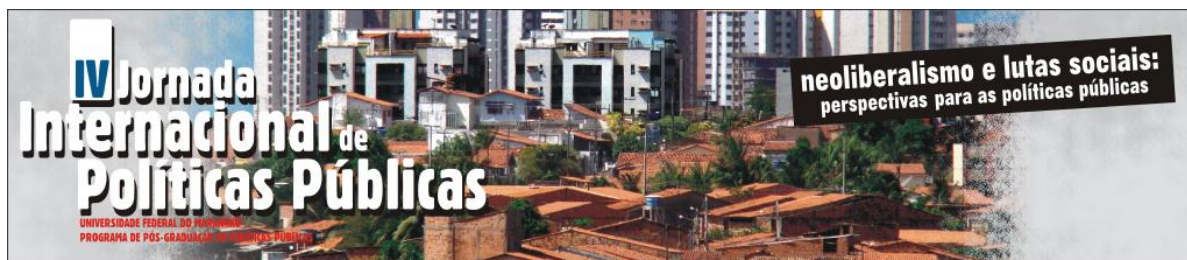
De acordo com Kouvélakis (2007, p. 99-100) ainda, a idéia de coordenação no sentido da auto-organização é compreendida como uma recusa ao monopólio da palavra, da imposição de palavras de ordem vindas do alto, bem como da tomada de decisões por um grupo – o que *representa* –, ou seja, afirma-se enquanto uma tendência que recusa tudo o que, frequentemente, tem marcado as práticas das organizações dos trabalhadores. Neste sentido, e antes, as “coordenações” são uma forma nômade, que, através do trabalho dos militantes políticos e sindicais⁶, têm migrado de movimento para movimento, entre as diferentes categorias, como do movimento dos estudantes para o dos *cheminots*. Poderíamos afirmar que isto constitui um primeiro indício no conjunto das possibilidades de articulação das lutas na construção de uma frente comum de oposição à reconstrução capitalista que se dá após momentos de crise como este, que se repetem pela história.

Essa tendência – “coordenação” – fomentada entre os grupos evidencia os limites profundos do sindicalismo⁷ operário francês que de alguma forma marginaliza as frações dominadas (e geralmente oprimidas também), a saber: mulheres, imigrantes, jovens, trabalhadores precarizados e não-qualificados entre outros.

Em suma, pode ser dito em decorrência do que fora exposto acima que a forma “coordenação” constitui uma crítica aos aparelhos sindicais e à figura do militante, tidos

⁶ Esses grupos coordenados agrupam tanto assalariados jovens, como antigos militantes que se disponibilizam na prática de uma ação coletiva (KOUVÉLAKIS, 2007, p. 97).

⁷ Segundo Rodrigues (1998), a França tem o mais baixo índice de sindicalização de toda a Europa Ocidental; para Monclaire (2009) a taxa de sindicalização nunca foi tão baixa na história deste país.



como burocratizados, seja na estrutura, seja na forma, e que não tem relativizado sobre a questão do proletariado hoje, diante dos inúmeros ataques às formas de dignidade humana, no amplo sentido do termo.

3 O CONFLITO NÃO ACABOU: greve e mobilizações de 29 de janeiro e de 19 de março

Como resposta à tentativa governamental, e mesmo mundial, de fazer com que o trabalhador pague a *fatura* da crise, os diversos segmentos da sociedade francesa a partir das instituições representativas do coletivo local organizaram, em menos de um mês, dois dias interprofissional de greves e manifestações, que percorrendo as ruas parisienses e de outras vilas do “Hexágono” e dos departamentos “*Outre-Mer*”, deixaram claro o total descontentamento com os rumos das políticas implementadas até o momento pelo governo do então presidente Nicolas Sarkozy.

A partir da articulação de oito centrais sindicais e da mobilização das diferentes “coordenações” dos profissionais do setor público e privado, promoveu-se dias de intenso protesto, reflexo do clima de tensão social presente no país com o agravamento dos efeitos da crise sobre o país.

O desemprego, o mais grave dos efeitos sobre os trabalhadores, que já afeta mais 90 mil franceses (dados para o mês de janeiro), fez ressoar os alarmes do problema na sociedade francesa. Após a primeira greve geral do dia 29 de janeiro, que reuniu mais de um milhão de pessoas nas manifestações de protesto, o governo Sarkozy apresentou um pacote de ajuda de 2,6 bilhões de euros, entre benefícios fiscais e medidas de apoio ao emprego.

Contudo, o pacote foi tido como insuficiente, pelo que os sindicatos insistem que não devem ser os trabalhadores os responsáveis em pagar pela crise, para estabilizar a economia e devolver o máximo de oportunidades à classe que vive do trabalho.

No mês de março, a notícia da demissão de 555 trabalhadores da petrolífera Total, pouco depois da empresa ter apresentado lucros de 13,9 bilhões de euros, incendiou ainda mais os ânimos dos franceses, e o apoio à manifestação dos grevistas, desempregados e precarizados, quase que diárias no país, tem se tornado massivo.

A manifestação de 19 de março constituída de 213 focos, estes espalhados por toda a França, foi mais uma mensagem aos governantes franceses, dessa vez, como



sinônimo de recusa aos planos propostos para salvar a economia do país e as “classes sociais” do *mal da crise*.

4 CONCLUSÃO

A partir do entendimento de que a luta de classes é uma luta que envolve não somente a luta contra a exploração no âmbito do trabalho, mas também uma luta contra toda e qualquer forma de dominação e humilhação, pois “a luta pela emancipação humana se escapa cada vez mais do quadro estreito da relação salarial para ocupar diretamente os diversos espaços da opressão” (COUTROT *apud* FARIAS, 2008, p. 14), é que se justifica o protagonismo das lutas sociais na experiência francesa recente.

Com a declarada impotência (para não dizer falta de vontade) dos representantes políticos locais em dar respostas concretas às demandas sociais, os movimentos sociais têm buscado por meios próprios, subverter o campo política de forma a obter algum tipo de posicionamento.

Apesar das carências e limitações é necessário destacar que as lutas sociais não se contentam em formar uma frente única para expressar o descontentamento coletivo, mas buscam denunciar e politizar uma série de questões problemáticas e cruciais da sociedade de hoje: a questão do emprego, a Seguridade Social, a saúde, a aposentadoria, a dignidade do trabalhador, o serviço público, os direitos sociais ou ainda questões pertinentes às liberdades individuais (VAKALOULIS, 2003, p. 108).

A questão que se coloca hoje, segundo Vincent (2004, p. 59), é da possibilidade das lutas sociais agregarem novas questões no sentido de uma maior visibilidade no cenário mundial no intuito de construir uma nova sociabilidade, alternativa ao capitalismo, no horizonte da emancipação humana.

Diferentemente do Brasil, em que parte dos movimentos sociais foi cooptada pelo governo petista, a exemplo da CUT – Central Única dos Trabalhadores, as lutas sociais devem se colocar sempre numa perspectiva para além do capitalismo, sem deixar-se ser “absorvido pelo campo institucional, notadamente pelo campo político que é profundamente marcado pelo economicismo” (VINCENT, 2004, p. 59).

Nos termos da grave crise que enfrenta hoje o mundo capitalista, os aliados das classes dominantes, bem como as próprias, acreditam que a reação do conjunto dos que são constantemente dominados, explorados e aviltados pelo violento processo de



acumulação, da mesma forma que ocorreu diante da crise de 1929, não reagirão e aceitarão, popularmente falando, “levar a pior”. Mas pelo visto, pelo menos na França, levando em consideração a história e a experiência do Estado de Bem-Estar Social, parece que vai ser difícil (muito difícil) fazer com que as “massas populares” abaiquem a cabeça e digam sim aos planos para salvar os bancos e outras instituições financeiras, enquanto são postos na condição de desempregados.

REFERÊNCIAS

BÉROUD, Sophie; BOUFFARTIGUE, Paul. **Quand le travail se précarise, quelle résistances collectives? Introduction.** Paris: La Dispute, 2009. Disponível em: <<http://www.semimarx.free.fr>>. Acesso em: 06 março 2009.

CHESNAIS, François. A mundialização do capital, natureza e papel da finança e mecanismos de “balcanização” dos países com recursos ambicionados. In: LIMA, Marcos Costa (org.). **Dinâmica do capitalismo pós-guerra fria: cultura tecnológica, espaço e desenvolvimento.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

FARIAS, Flávio Bezerra de. **O Estado capitalista contemporâneo: para a crítica das visões regulacionistas.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Coleção Questões da Nossa Época.

_____. Estado, socialização e emancipação: especificação histórica da luta contra a opressão na América Latina. In: Colóquio Internacional da Sociedad Latinoamericana de Economía Política y Pensamiento Crítico, 3., 2008. Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: SEPLA, 2008. CD-Rom.

KOUVÉLAKIS, Stathis. **La France em revolte: luttés sociales et cycles politiques.** Paris: Textual, 2007. Collection La Discorde.

LA GRÈVE bat les pavés et les records de popularité. **Libération**, Paris, março 2009. Disponível em: <<http://www.liberation.fr/politiques>>. Acesso em : 25 março 2009.

LABICA, Georges. **Démocratie et révolution.** Paris: Les Temps de Cerises, 2002.

MONCLAIRE, Stéphane. **França está à beira da explosão social.** Disponível em : <<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/entrevistas/franca-esta-201ca-beira-da-explosao-social201d-diz-cientista-politico-da-sorbonne-1>>. Acesso em: 24 abril 2009.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O declínio das taxas de sindicalização: a década de 80. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000100003&script=sci_arttext>. Acesso em : 24 abril 2009.

VAKALOULIS, Michel; VINCENT, Jean-Marie; ZARKA, Pierre. **Vers un nouvel anticapitalisme: pour une politique d’émancipation.** Paris: Éditions du Félin, 2003.



VAKALOULIS, Michel. Actualité de l'analyse classiste. In: NIELSBERG, Jérôme-Alexandre (org.). **Violences impérialles et lutte de classes**. Paris: PUF, 2004. p. 203-224.

VINCENT, Jean-Marie. Le trotskysme dans l'histoire. **Revue Critique Communiste**. n. 172, p. 48-64. 2004.